PAISAGEM EM TRANSIÇÃO: OS FUNDOS DE VALE EM BAURU-SP

LANDSCAPE IN TRANSITION: VALLEY BOTTOMS IN BAURU-SP

Ryller Chrystian de Andrade Veríssimo
Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Resumo

A paisagem dos fundos de vale na cultura brasileira é permeada por conflitos, desafios e potencialidades. Esta pesquisa busca compreender os processos de transformações contemporâneos enfrentados por esses espaços livres em Bauru-SP, investigando possíveis alternativas para mitigar os problemas de origem sociocultural, ambiental e urbana, consubstanciando a transição das chamadas lost landscapes (paisagens perdidas) para paisagens produtivas. Em consonância com os debates globais a respeito das mudanças climáticas, da segurança alimentar, do crescimento demográfico e da expansão urbana espraiada, o estudo se pauta na transversalidade entre governança e políticas públicas, sociedade, planejadores e gestores e o próprio campo disciplinar da Arquitetura da Paisagem. A fim de estruturar este estudo, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter exploratório, adotando como método o estudo de caso, por meio de múltiplas fontes de evidências: materiais bibliográficos, documentais e observações diretas que permitem transitar entre as escalas temporais e territoriais, construindo possíveis alternativas de leitura, planejamento e projeto de paisagem.

Palavras-chave: Arquitetura da paisagem. Bauru-SP. Fundos de vale. Paisagem perdida. Paisagem produtiva.

Abstract

The landscape of valley bottoms in Brazilian culture is characterized by conflicts, challenges, and latent potential. This research aims to examine the contemporary transformation processes affecting these open spaces in Bauru, São Paulo, by investigating possible alternatives to mitigate socio-cultural, environmental, and urban issues. The study supports a transition from so-called lost landscapes to productive landscapes. Aligned with global debates on climate change, food security, demographic growth, and sprawling urban expansion, the research is grounded in the intersection of governance and public policy, civil society, planners and managers, and the disciplinary field of Landscape Architecture itself. To structure the investigation, an exploratory study was conducted using the case study method, drawing on multiple sources of evidence—including bibliographic and documentary materials, as well as direct observations—that enable movement between temporal and territorial scales, fostering alternative approaches to landscape interpretation, planning, and design.

Keywords: Bauru-SP. Landscape architecture. Lost landscape. Productive landscape. Valley bottoms.

CC BY NC SA

https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2025.235073
Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 36, n. 56, 2025.

1. Introdução

Este estudo[1] se contextualiza na contemporaneidade a partir de reflexões sobre o processo contínuo de transformação das paisagens no período do Antropoceno[2], abarcando uma miríade de dilemas da vida na cidade em um quadro de desafios sócio-urbano-ambientais, evidenciados concretamente nas últimas décadas, sobretudo em um mundo com uma população cada vez mais urbana[3].

A partir disso, sob a ótica do fenômeno das mudanças climáticas, da segurança alimentar, do crescimento demográfico e da expansão urbana espraiada, descortina-se a necessidade de conquista de áreas de projeto que possam engendrar a possibilidade de construção de paisagens que articulem técnica e estética, infraestrutura e cultura, história e memória, associadas a princípios preconizados pelo campo disciplinar da Arquitetura da Paisagem e que sejam capazes de atender as demandas da cidade atual.

Esse horizonte se abre por meio da observação de uma série de espaços residuais negligenciados na cidade contemporânea (Clément, 2022), entre as frações urbanizadas, intensificados a partir da difusão do modelo de cidade dispersa no movimento da expansão urbana (Sposito, 2009).

Tais interstícios urbanos se transformaram ao longo do tempo em descompasso com as lógicas do desenvolvimento, perdendo suas funções e usos originais. São desfuncionalizados ou postos à margem do processo produtivo, sendo abordados pela literatura sob distintas perspectivas, que dão luz a questões como os potenciais regenerativos e a biodiversidade presente nesses lugares – chamados de *terceira paisagem* por Clément (2022) –, bem como o reconhecimento destes como símbolos de resistência aos processos homogeneizantes do planejamento – nomeados por Solà-Morales (2002) como *terrain vague* –, entendidos como espaços do que pode vir a ser, cuja

> […] relação entre a ausência de uso, de atividade e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender toda a potência evocativa que os *terrain vague* das cidades têm na percepção da mesma nos últimos anos. Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, expectativa. […] São suas bordas carentes de uma incorporação eficaz, são ilhas interiores esvaziadas de atividade, são olvidos e restos que permanecem fora da dinâmica urbana. Convertendo-se em áreas simplesmente des-habitadas, in-seguras, im-produtivas (Solà-Morales, 2002, p. 187-188, tradução nossa).

Ao buscar perspectivas para esses lugares, inicia-se um diálogo entre as temporalidades que compõem a paisagem, permeando passado, presente e futuro. Os espaços residuais passaram por processos que promoveram alterações em suas dinâmicas, instituindo as chamadas *lost landscapes*[4] na atualidade, o que permite "abrir uma reflexão sobre como as paisagens mudam ou se tornam outra coisa, cortando o fio que as liga à sua origem, deixando algo de lado, perdendo características e significados e, às vezes, adquirindo novos" (Ifla Europe; Aiapp, 2023, n.p., tradução nossa).

No decorrer desse processo, essas paisagens foram progressivamente perdendo relevância em meio à cultura da sociedade atual, sendo esquecidas ou invisibilizadas – visualizadas como *anti-paisagens* –, resultado da degradação desses espaços livres. A compreensão desse movimento e a consequente vontade de reabilitar ou mesmo qualificar esses espaços para o jogo urbano apresenta o maior desafio: preservar a memória desses lugares e ressignificar essas paisagens (Häyrynen, 2014).

Contemporaneamente, alguns autores se dedicam ao estudo da transformação de paisagens sob a ótica da paisagem produtiva, recuperando conceitos apresentados anteriormente por pioneiros como o britânico Ebenezer Howard e o alemão Leberecht Migge e inserindo-os no contexto da cidade de hoje. Esse interesse renovado se observa na produção denominada paisagens urbanas produtivas contínuas (CPULs[5]), termo

1 Este artigo deriva da dissertação de mestrado do autor (Veríssimo, 2025) e desenvolve, de forma ampliada e aprofundada, parte do conteúdo previamente apresentado no resumo expandido publicado nos Anais do 17º Enepea: Inovar com e por meio da Paisagem em Ensino, Pesquisa e Extensão (Veríssimo; Schenk, 2025).

2 Termo dinamizado por Paul Crutzen, no início do século XXI, para caracterizar a "Época dos Humanos" e seus impactos no planeta (Crutzen; Stoermer, 2000).

3 A ONU estima que até 2050 cerca de 70% da população do planeta será urbana (United Nations, 2019).

4 Lost Landscapes, ou Paisagens Perdidas na tradução desses autores, é uma locução com significado metafórico e conceitual no original. Foi o tema discutido na Conferência Internacional da Associazione Italiana di Architettura del Paesaggio e da Assembleia Geral da International Federation of Landscape Architects (Ifla Europe, 2023).

5 Tradução nossa do original em inglês: continuous productive urban landscapes.

cunhado pelos arquitetos Bohn e Viljoen (2005a), sediados em Londres. A proposta articula estratégias para uma paisagem sistêmica, com diferentes tipos de usos na escala da cidade, incluindo produção de alimentos, mobilidade sustentável, lazer e saúde, tal qual abordam:

> As CPULs podem ser pensadas como um novo tipo de parque público, integrando as instalações e equipamentos tradicionais voltados para a recreação e o lazer, associados a áreas destinadas à agricultura urbana, corredores ecológicos e trilhas para pedestres e ciclistas. As CPULs pretendem ser produtivas em várias funções: econômica (produção de alimentos), sociocultural (qualidade de vida) e ambiental (redução de emissões acompanhada pela captura de dióxido de carbono da atmosfera, aumento da biodiversidade, melhoria da qualidade do ar, mitigação do calor na microrregião, e reciclagem de resíduos orgânicos urbanos) (Bohn; Viljoen, 2005b, p. 67).

Assim, neste artigo, essas reflexões, comuns a muitas cidades, são trazidas para um recorte de estudo de caráter exploratório, adotando como método o estudo de caso (Yin, 2001), a fim de estabelecer um contato teórico e fenomenológico aproximado, delineando parte de uma estratégia que busca registrar processos de transformação da paisagem com maior acuidade, de modo a qualificar espaços residuais, a partir do ponto de vista do arquiteto da paisagem.

A pesquisa, portanto, volta-se para a realidade de Bauru[6], cidade mais populosa da região do centro-oeste paulista, situada a aproximadamente 330km da capital do estado de São Paulo. Com uma população de 379.146 habitantes, apresentou um crescimento populacional de cerca de 16,64% em relação ao Censo de 2000. O município ocupa uma área territorial de 667,684km², dos quais 85,78km² correspondem à área urbanizada, resultando em uma densidade populacional de aproximadamente 567,85 hab/km² (Bauru, 2023).

No contexto dessa cidade média brasileira, buscou-se apresentar os fundos de vale, aqui revelados no presente, a partir de processo de leitura da paisagem como *lost landscapes* e, concomitantemente, evidenciar seu grande potencial de transição para se tornarem paisagens produtivas no futuro, em um processo que é dinâmico e não linear. Para tanto, foram adotadas múltiplas fontes de evidências, articulando o teórico – materiais bibliográficos e documentais – e o empírico – observações diretas em um território vivenciado (Sposito, 2006; Yin, 2001).

6 A cidade desempenha forte influência como polo regional, sendo a sede de uma região administrativa que abrange 39 municípios, totalizando cerca de 6,5% do estado de São Paulo e uma população de aproximadamente 1,07 milhão de habitantes (São Paulo, 2016).

2. A formação da paisagem: o passado dos fundos de vale

A gênese da formação da paisagem dos fundos de vale em Bauru antecede o próprio processo de urbanização da cidade, perpassando tempos geológicos e alterações históricas que expressam geograficamente a ação humana sobre o território (Dardel, 2015). No recorte desta última, das fazendas dos pioneiros da região até o desenho urbano atualmente, a paisagem foi sendo transformada de modo cada vez mais intenso no decorrer de mais de um século de história (Constantino, 2005).

A fim de acompanhar o processo de desenvolvimento dos fundos de vale, é importante estabelecer o período histórico que se ampara, em um primeiro momento, no contexto das cidades que integram o Oeste paulista. Bauru compõe uma rede de cidades que surgiram entre meados do século XIX e início do XX a partir da doação de um patrimônio religioso ou da chegada das ferrovias (Constantino, 2005). Os trilhos influenciaram ativamente na relação das cidades com os fundos de vale e, no caso do estado de São Paulo, o povoamento ocorreu sobre a divisa das bacias fluviais (espigões), promovendo o distanciamento entre os povoamentos e os rios e, consequentemente, dos fundos de vale (Deffontaines, 1944).

É importante destacar que o desenvolvimento da cidade bauruense foi conduzido, sobretudo, pelo binômio café-ferrovia, cujos trilhos corroboraram o estabelecimento de um problema que acompanhou historicamente seu crescimento, caracterizado pela falta de fluidez do tecido urbano. De acordo com Constantino (2006), a malha quadriculada de Bauru é interrompida ao aproximar-se dos fundos de vale, cuja fragmentação foi reforçada pelos trilhos da ferrovia e, depois, pelas rodovias.

O entroncamento ferroviário iniciado com a chegada dos trilhos da Sorocabana em 1905, mesmo ano em que teve início a construção de outra linha, a Noroeste, ajudou a reforçar o caráter de segregação espacial, já

favorecido pelas características morfológicas dos fundos de vale e pelo rio. Pouco depois, chegou a última Estrada de Ferro – a Paulista – em 1910, que provocou o fechamento de algumas ruas e terminou por ratificar o isolamento dessas regiões da cidade. Os trilhos criaram uma barreira que fragmentou a cidade em três grandes setores (Figura 1), e o traçado regular quadriculado que se sobrepôs ao território gerou uma incompatibilidade com o desenho natural dos fundos de vale, cujos reflexos permanecem no tecido urbano atual (Constantino, 2006; Ghirardello, 2020).

Nesse percurso, as ações de planejamento urbano conduzidas em Bauru ampararam-se em um modelo de cidade dispersa, que "é o ambiente de novas práticas socioespaciais, marcadas pela fragmentação, pela seletividade socioespacial e justificadas pelo espectro da (in)segurança urbana" (Sposito, 2009, p. 50). Esse processo de expansão ocasionou a ocupação das franjas periféricas da cidade, pois gerou áreas subutilizadas entre as frações urbanizadas, contribuindo para a insularidade dos fundos de vale, que não podiam ser ocupados, mas também não eram considerados como

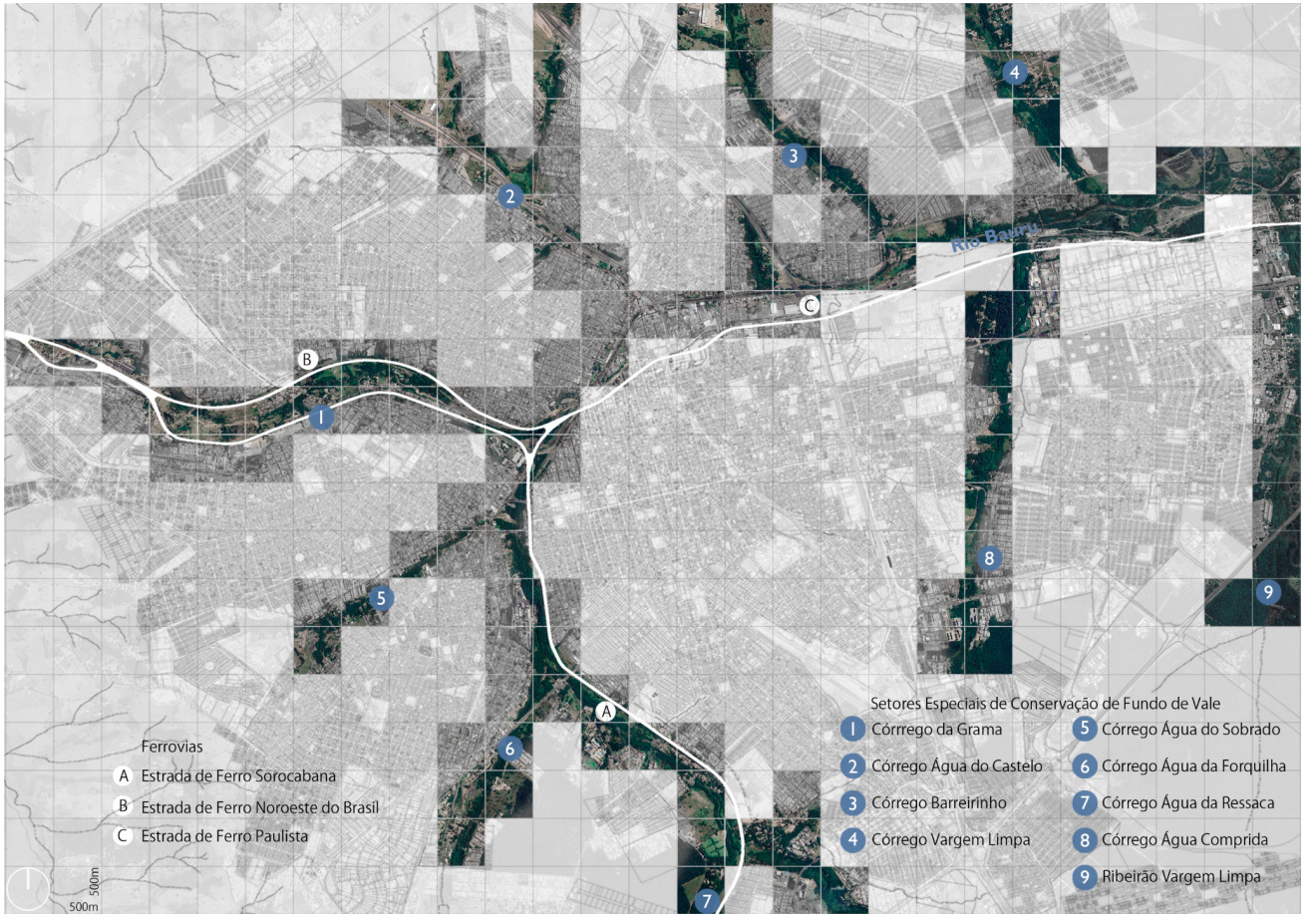

Figura 1 – Sobreposição dos trilhos das ferrovias e corpos d'água com a malha urbana atual. Fonte: Elaborado pelos autores (2025) a partir de: mapa-base Seplan Bauru; imagem de Satélite Google Earth Pro; Barbosa e Nascimento Júnior (2008); Bauru (1996).

uma camada ativa nas dinâmicas da cidade, negando sua potência como promotor da articulação urbana.

Acompanhando o crescimento da população urbana visto no contexto brasileiro, entre 1960 e 1980, houve um elevado crescimento populacional em Bauru, o que aumentou a demanda por habitação. A partir disso, começou a se fortalecer o mencionado modelo de ocupação periférica, sobretudo por meio da construção de núcleos habitacionais populares, que seguiam a política nacional do período. Assim, como as áreas adjacentes tinham menor valor de mercado, a população de baixa renda era alocada nesses espaços distantes do núcleo central. Por outro lado, a ausência de infraestrutura e continuidade da malha instituiu um forte caráter de segregação social e urbana (Alves, 2008; Xaides, 2001).

Além dos conjuntos habitacionais, também cresceram as favelas diante da demanda por moradias, "tornando os espaços reduzidos no sentido de serem ofertados no mercado imobiliário, que acentuaram as ocupações irregulares, promovendo maior impacto socioambiental nas áreas de fundo de vale" (Barbosa; Nascimento Júnior, 2008, p. 95).

Ao recuperar a primeira proposição do Plano Diretor para Bauru[7], elaborado em 1967, Constantino (2006, p. 242) ressalta que nele já se reconhecia que "os loteamentos em Bauru, contornando toda a cidade, comprometem a paisagem, provocando erosões, sobretudo a futura utilização do solo, segundo as necessidades dos desenvolvimentos da cidade". Entretanto, a autora atenta ao fato de que os fundos de vale ainda não apareciam como importante eixo de integração da paisagem bauruense.

Esse movimento se asseverou entre 1970 e 1980, e o tecido urbano se expandiu, criando um cinturão de núcleos habitacionais isolados da área central e sem a infraestrutura urbana mínima necessária, como vias públicas qualificadas e transporte coletivo. A extensão das avenidas – importantes eixos de conexão para expansão da malha urbana – não contemplava as regiões nas quais se inseriu a maior parte da população, que ocuparia os bairros periféricos, permeados por grandes vazios urbanos especulativos à espera de valorização (Alves, 2008).

Nesse momento, a paisagem dos fundos de vale já sofria com os impactos urbanos e ambientais ocasionados pelo processo de expansão urbana descrito, que consolidou esses espaços livres como "vazios entre lugares", conforme a contextualização de Constantino (2005, p. 87):

> Nos anos 90 a paisagem de Bauru esteve marcada pela expansão da malha urbana, saltando espaços para onde a urbanização parecia ser de maior interesse segundo a lógica do empreendedor, e a permanência de seus fundos de vale, não ocupados, mas degradados. Os rios, além de receberem toda a carga do esgoto coletado na cidade, sem qualquer tratamento, encontram-se assoreados, principalmente devido à ausência de mata ciliar. A construção dos conjuntos habitacionais toma a forma de um cercamento em torno do núcleo consolidado, com exceção da região sul, exigindo um enorme investimento em infraestrutura urbana. O fator determinante é que, em meados desta década, são aprovados doze novos conjuntos habitacionais e, de cada 10 bauruenses, 2,6 residiam em casas da Cohab.

Durante esse processo, os fundos de vale foram tidos como um empecilho para os vetores de expansão da cidade, já que era necessário transpor o rio através de um desenho urbano que negava as características da paisagem. Diante disso, alguns trechos dessas áreas se tornaram alvo de projetos do poder público, como o caso de erosão no Córrego das Flores. "Para solucionar este problema adotou-se uma medida comum à época, a canalização do referido córrego" (Alves, 2008, p. 86). Mais tarde, o rio foi tamponado, sobre o qual construiu-se a Avenida Nações Unidas, e essa intervenção se tornou um dos maiores problemas que a cidade possui hoje: a drenagem urbana ineficiente.

Xaides (2001, p. 200) reitera que, diante desses acontecimentos, balizados por um processo de crescimento urbano que "dobrou morros e saltou córregos" em um solo arenoso, geraram-se problemáticas de grande complexidade, sobretudo nas áreas de fundos de vale. Para o autor, Bauru, tida como a "Cidade sem Limites" no passado, tornou-se a "Cidade das Voçorocas":

> […] considerando que os fundos de vale urbanos em Bauru são áreas de intensos problemas, de enchentes, erosões e assoreamentos, sendo considerada no meio técnico científico, talvez a cidade de maior complexidade e problemas dessa ordem no Estado de São Paulo, "A Cidade das Voçorocas" […], é que as

7 Não implantado. Elaborado pelo Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos (Cepeu-FAU-USP).

> questões das áreas *non aedificandi*, de preservação permanente, de áreas verdes de lazer, de nascentes, de reservas de matas nativas, de parques ecológicos, de APAS- áreas de preservações ambientais, se tornaram como nunca elementos de extrema importância para a cidade (Xaides, 2001, p. 76-77).

Apenas em meados da década de 1990, Bauru estabeleceu seu primeiro Plano Diretor, implantado por meio da Lei n. 4.126/1996. Nesse documento, as áreas de fundos de vale passaram a ser consideradas estrategicamente como articuladoras socio-urbano-ambientais. Além disso, outros pontos da lei reforçam as questões ambientais, como a criação das Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e os Setores Especiais de Conservação de Fundo de Vale (SECs) (Constantino, 2006; Ghirardello, 2020), conforme consta:

> **Art. 20**. Os Setores Especiais de Conservação de Fundo de Vale – SEC's são faixas de terreno localizadas ao longo dos cursos de água que, **pelas suas características ambientais, hidrográficas, topográficas e inserção no tecido urbano, configuram-se como elementos estratégicos na estruturação física e no desenvolvimento das funções sociais da cidade**.
>
> § 1° Os SEC's **objetivam as políticas de meio ambiente, de zoneamento e as programações que visem a implantação dos Planos de Parques e Áreas Verdes**, Viário e de Macro-Drenagem;
>
> § 2° **A elaboração do Plano de Parques e Áreas Verdes será, integrada ao Plano de Sistemas Viário e de Drenagem da área urbana do Município de Bauru**, respeitada a vegetação natural já existente (Bauru, 1996, p. 8, grifo nosso).

É sabido que essas demandas não foram atendidas, e os reflexos dessa falta de ação se percebem facilmente na cidade atual, que ainda tem os fundos de vale como limites na paisagem, entendidos como áreas problemáticas a serem evitadas pela população. Isto é, as prescrições do Plano Diretor não se desdobraram em ações efetivas, e a lei pouco se consolidou, trazendo "indicações relevantes para se discutir a cidade, mas com pouco poder concreto de ação" (Ghirardello, 2020, p. 259).

Embora o Plano não tenha tido grande força de aplicabilidade, o fato de considerar os fundos de vale como importantes eixos da estruturação urbana, destacando suas funções sociais, denotava que o corpo técnico já compreendia esses espaços como lugares de potencialidade. As diretrizes desse documento se tornaram instrumento importante para refletir sobre um futuro desejado para esses espaços, sobretudo quando a cidade passava pela desativação de suas ferrovias no fim dos anos 1990, ocasionada pelo movimento de desindustrialização (Ghirardello, 2020). Isso ratificou de vez a obsolescência não só de toda a infraestrutura industrial ferroviária, como também de sua área de inserção nos fundos de vale, contribuindo, a partir dessa desfuncionalização, para a situação de subutilização dessas áreas da cidade, favorecida pela referida eclosão de conjuntos habitacionais em suas adjacências.

3. A transição da paisagem: o presente e o futuro dos fundos de vale

Como resultado do mencionado processo de desindustrialização e da expansão urbana espraiada, no início do século XXI, quando grande parte do tecido urbano já estava desenvolvido e com a malha urbana maximizada pelas periferias, os espaços livres de fundo de vale tiveram sua fisionomia e uso profundamente alterados. Isso se deu em relação tanto ao abandono do patrimônio ferroviário industrial quanto aos processos de intervenção adotados ao longo do planejamento, que impactaram na funcionalidade natural desses espaços, com implementação de robusta infraestrutura cinza, como a canalização e tamponamento de alguns trechos e a construção de viadutos pouco convidativos, que buscavam transpor a paisagem, negando possibilidades de vivências nesses lugares.

Assim se consolidam as *lost landscapes* nessas áreas da cidade, que podem ser apreendidas por meio da experiência de corpo no espaço e de um olhar questionador sobre a paisagem que é capaz de requalificar esses lugares (Besse, 2014), permeando o tecido urbano fragmentado, o patrimônio em obsolescência que conformou a Bauru industrial, a infraestrutura da cidade desenhada para o automóvel e o rio sucumbido (Figura 2).

A partir da observação de uma série de situações que ocorrem nesses espaços livres, é possível relacionar a percepção negativa da população em relação aos fundos de vale com o descarte inadequado de resíduos sólidos, assoreamento e poluição dos rios, pontos de alagamentos, desmatamento da vegetação nativa, falta de segurança e infraestrutura pública.

Figura 2 – As *lost landscapes* nos fundos de vale.
Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Os fundos de vale não parecem se relacionar com experiências positivas da população e só voltam a ser pauta nas discussões dos cidadãos quando protagonizam eventos hidrológicos críticos, desastres e registros de crimes. Com frequência, os noticiários veiculam as imagens de poluição, destruição, acidentes e mortes ocasionados pelas enchentes e alagamentos, além de questões de violência e vulnerabilidades sociais, que são atualizadas a cada ano.

Assim, construiu-se um imaginário no senso comum de que os fundos de vale são áreas problemáticas, desagradáveis e temíveis. Consequentemente, a população não consegue estabelecer uma ligação com os cursos de água; pelo contrário, esses locais geram repulsa e falta de afeto (Figura 3).

Por outro lado, a partir da perspectiva da arquitetura da paisagem, o que se busca é romper com esse paradigma que naturalizou a precariedade desses espaços residuais. Tem-se, nos fundos de vale, um grande potencial para promoção da articulação e drenagem urbana, mitigando os problemas que decorrem do processo de expansão relatado. É fundamental superar a relação conflituosa que se estabeleceu entre rio-cidade; para tanto, é necessário desenvolver um redesenho do urbano já estabelecido que considere os aspectos naturais no processo de planejamento da paisagem como elementos integradores (Spirn, 1995).

Sendo assim, o campo disciplinar e profissional é capaz de articular interesses e demandas, promovendo a ideia de um sistema no qual os fundos de vale passam a estruturar o desenho da paisagem, que almeja não apenas atenuar os inúmeros problemas socio-urbano-ambientais, como a drenagem urbana deficiente ou as ilhas de calor intenso, mas também criar espaços de vida e de produção, vinculando patrimônio, memória e cultura.

Figura 3 – Mosaico da situação atual dos fundos de vale.
Fonte: Elaborada pelos autores (2024, 2025).

Ao se defrontar com o que os fundos de vale representam hoje na paisagem contemporânea (Figura 4), inicia-se um exercício que busca revelar e refletir sobre as qualidades presentes e os futuros possíveis para esses lugares, vislumbrando o vazio como potência (Solà-Morales, 2002). Isso envolve um processo de sensibilização que conjuga distintas leituras da paisagem, capazes de extrair a complexidade desse território, cujas informações são essenciais para que se faça plano e projeto.

Um caminho possível é a recuperação dessas áreas, buscando transformá-las em paisagens produtivas, em múltiplos aspectos, como preconizadas pelas CPULs de Bohn e Viljoen (2005a). Nessa concepção, ***os fundos de vale seriam eixos estruturantes do desenho da paisagem***, gerando lugares de produção que se comunicam com as necessidades da cidade, não só de alimento, mas também emprego, renda, educação, cultura, lazer, saúde e promoção da biodiversidade. Os espaços livres têm papel infraestrutural e sociocultural na cidade. Nesse processo, eles são conectados a outros espaços, definidos por meio de um mapeamento de lugares ociosos e situações de vulnerabilidade invisibilizados, que possuem a mesma potência de transformação reivindicada para os fundos de vale e se incorporariam nesse sistema – são possibilidades para que essas questões se articulem na cidade, tendo os fundos de vale como um grande conector.

O intuito de evidenciar futuros possíveis para a paisagem produtiva, tendo os fundos de vale inscritos em uma bacia hidrográfica, unidade de planejamento (Mcharg, 1992), relaciona-se a questões fundamentais da arquitetura da paisagem.

Contemporaneamente, esse processo de configuração sistêmica se associa à chamada infraestrutura verde e passa a incluir os cinturões produtivos, atentando para problemáticas cujas propostas conectam cultura, educação, saúde e desenvolvimento, revelando paisagens que atestam a possibilidade de construção de políticas públicas e exemplos que promovam congruências e mitigação de conflitos entre os processos de expansão urbana e as lógicas da natureza.

4. Conclusão

A paisagem dos fundos de vale em Bauru é resultado de uma conjuntura de fatores históricos, políticos e socioculturais atravessados pela temporalidade. Alinhada com o desenvolvimento urbano brasileiro, a cidade expandiu-se de modo difuso, incentivada pelo processo de especulação que, por vezes, se constituiu como desdobramento de ações da própria municipalidade por meio de diretrizes e planos, ocasionando

Figura 4 – Panorama dos fundos de vale.
Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

a fragmentação do tecido urbano, que terminou por contribuir com a segregação socioespacial.

Somado a isso, com a instalação das ferrovias a partir da cultura do café e, mais tarde, das rodovias, foram criadas barreiras físicas que se estabeleceram como limites na paisagem. O traçado em quadrícula, imposto sobre o relevo e o território, desconsiderou a morfologia dos fundos de vale e terminou por ratificar o isolamento da cidade em relação a esses espaços livres.

Nesse sentido, a paisagem passou por um processo de desfuncionalização, sobretudo por meio da obsolescência das estruturas ferroviárias e de decisões projetuais adotadas ao longo do planejamento urbano, culminando em espaços residuais urbanos degradados. Criou-se, assim, a imagem do que em tempos contemporâneos se distingue como espaços perdidos, *lost landscapes*, caracterizando os fundos de vale como elementos que perderam suas qualidades originais e restaram desarticulados da trama urbana.

A partir da identificação dessa problemática, é possível refletir sobre cenários possíveis para que esses espaços figurem camadas ativas na dinâmica urbana contemporânea, buscando um modelo de ressignificação de paisagens degradadas, que podem ser incorporadas à gestão dos espaços livres públicos. A ideia de tornar-se produtivo aqui ultrapassa a economia e adentra significados culturais e ecológicos, como a drenagem, a melhoria do ar e da temperatura, bem como a promoção da biodiversidade.

A necessidade de reflexão sobre os fundos de vale, visando dar luz à possibilidade de transição de paisagens perdidas para paisagens produtivas, parte de um movimento global que se intensificou nas últimas décadas, sobretudo pelo agravamento das mudanças climáticas, das crises de segurança alimentar e dos crescimentos demográfico e urbano. Assim, tem-se nos espaços livres de fundo de vale uma grande potência de transformação das cidades, criando paisagens que sejam produtivas, a um só tempo, em termos sociais, ambientais, urbanos, econômicos e culturais.

O desafio agora é reverberar essas discussões e estratégias que nascem do planejamento com a paisagem em políticas públicas por meio da transversalidade, que articula diferentes atores, lugares e instâncias de gestão. Hoje, em Bauru, elas só aparecem como excertos no Plano Diretor e em outros instrumentos normativos, mas não dialogam e não têm efetividade. É necessária uma política pública que alinhe essas questões, em um processo de gestão contínua, e que viabilize um desenvolvimento urbano e ambiental que se enquadre dentro da contemporaneidade e ultrapasse a ideia de planejamento urbano como ordenamento territorial pautado

fundamentalmente no zoneamento e em índices, e passe a incluir, efetivamente, a dimensão complexa da paisagem, abordando essas questões de modo integrativo, construindo paisagens produtivas que agregam benefícios ambientais à produção econômica e social, articulando a cultura, o lazer, a educação e a saúde.

Referências bibliográficas

ALVES, Silvana Aparecida. Habitação social na cidade de Bauru – SP. *In:* FONTES, Maria Solange Gurgel de Castro; GHIRARDELLO, Nelson (org.). **Olhares sobre Bauru**. Bauru: Unesp, 2008. p. 85-95.

BARBOSA, Valter Luiz; NASCIMENTO JÚNIOR, Antônio Fernandes. O Plano Diretor e as situações ambiental e urbana em Bauru-SP. **Geografia**, v. 17, n. 2, p. 87-109, 2008. DOI: https://doi.org/10.5433/2447-1747.2008v17n2p87.

BAURU (Cidade). **Lei n. 4.126, de 12 de setembro de 1996**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Bauru. Bauru: Câmara Municipal, 1996.

BAURU: **panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama. Acesso em: 30 jul. 2024.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

BOHN, Katrin; VILJOEN, Andre. Carrot and city: the concept of CPULs. In: VILJOEN, Andre; BOHN, Katrin; HOWE, Joe (org.). Continuous productive urban landscapes: designing urban agriculture for sustainable cities. Oxford: Architectural Press, 2005a. p. 1-16.

BOHN, Katrin; VILJOEN, Andre. Paisagens urbanas produtivas e contínuas: a agricultura urbana como infraestrutura essencial (Portuguese version). **Urban Agriculture Magazine**, n. 15, p. 64-69, 2005b.

CLÉMENT, Gilles. **Manifesto da terceira paisagem**. Billère: Maison des éditions, 2022.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **A construção da paisagem de fundos de vale**: o caso de Bauru. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. As permanências na paisagem: os fundos de vale em Bauru. **Paisagem e Ambiente**, v. 22, p. 238-245, 2006. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i22p238-245.

CRUTZEN, Paul Josef.; STOERMER Eugene Filmore. The "Anthropocene". **IGBP Newsletter**, v. 41, p. 17-18, 2000.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEFFONTAINES, Pierre. Como se constitui no Brasil a rede das cidades. **Boletim Geográfico**, n. 14, p. 141-148; n. 15, p. 299-308, 1944.

GHIRARDELLO, Nilson. **Bauru em temas urbanos**. Tupã: Editora Anap, 2020.

HÄYRYNEN, Maunu. Lost landscapes: degraded landscape as anti-landscape. *In:* NYE, David E.; ELKIND, Sarah (org.). **The anti-landscape**. Amsterdam: Rodopi, 2014. p. 147-156.

IFLA EUROPE. **"Lost Landscapes" 2023 IFLA Europe Resolution**. Napoli: IFLA Europe, 2023.

IFLA EUROPE; AIAPP. General Assembly 2023. **IFLA Europe**, 2023. Disponível em: https://iflaeurope.eu/index.php/site/general/general-assembly-2023. Acesso em: 20 mar. 2023.

MCHARG, Ian. **Design with nature**. New York: John Wiley & Sons, 1992.

SÃO PAULO (Estado). Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Índice Paulista de Responsabilidade Social 2016. Região Administrativa de Bauru. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2016.

SOLÀ-MORALES, Ignaci. **Territórios**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

SPIRN, Anne Whinston. **O jardim de granito**: a natureza no desenho da cidade. São Paulo: Edusp, 1995.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, v. 3, n. 5, p. 143-157, 2006. DOI: https://doi.org/10.36661/2448-1092.2006v3n5.12786.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais. *In:* REIS FILHO, Nestor Goulart. **Sobre dispersão urbana**. São Paulo: Via das Artes, 2009. p. 35-54.

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **World Urbanization Prospects**: The 2018 Revision (ST/ESA/SER.A/420). New York: United Nations, 2019.

VERÍSSIMO, Ryller Chrystian de Andrade. **A Paisagem como alimento na cidade contemporânea**: perspectivas para os fundos de vale em Bauru-SP. 2025. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2025.

VERÍSSIMO, Ryller Chrystian de Andrade; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins. Entre lost landscapes e paisagens produtivas: os fundos de vale em Bauru-SP. *In:* 17° Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, Palmas. **Anais** [...]. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2025. p. 923-935.

XAIDES, Jose. **Voçorocas do poder público**: na lei, forma e gestão urbana na "cidade sem limites". 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Código de Financiamento 001.

Ryller Chrystian de Andrade Veríssimo
USP, IAU, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Av. Trab. São Carlense, 400, São Carlos, SP, Brasil, 13566-590
CV: http://lattes.cnpq.br/3425901042572004
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2264-7425
ryllerverissimo@usp.br

Luciana Bongiovanni Martins Schenk
USP, IAU, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Av. Trab. São Carlense, 400, São Carlos, SP, Brasil, 13566-590
CV: http://lattes.cnpq.br/3384491853267540
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7944-7782
lucianas@sc.usp.br

Nota do Editor
Revisão do texto: Tikinet
Submetido em: 24/03/2025
Aprovado em: 01/07/2025